

*Nesse quadro do campo, alma querida,
Vejo-te a vida, – o tronco, – e a fé que sintetiza
A fonte linda do teu belo ideal,
Entre os pobres irmãos adversários
Da crença que nos guarda e nos eleva,
Sem saber que se fazem
Intérpretes da treva
E empreiteiros do mal...
Tristes amigos irritados!...
Sei que te ferem, alma boa,
Entretanto, trabalha, ama e perdoa;
No tempo que se altera sobre o tempo,
Surgirão transformados!...
Os descrentes e os maus, na condição de ateus
São sempre corações desesperados
Com saudades de Deus.*

Petição e resposta

*Busquei o campo, a fim de meditar
Nas provações da Terra, em vastas crises...
Como sanar a dor das almas infelizes?
Como estender a fé ao pranto do pesar?*

*Encerrada em mim mesma, ali, à sós,
Fitei o Céu imenso, a esmaltar-se de luz,
E surpreendi-me, orando em alta voz,
Perguntando a Jesus:*

Mestre e Senhor!...
Já que nos enviaste ao mundo desatento,
Para falar do amor
E proclamar-te o ensinamento
Nos alicerces da esperança,
O que dizer aos homens nesta hora
De amarga transição?
O sofrimento avança
E enquanto as luzes do progresso
Tomam novos lauréis nas grimpas onde estão,
Vemos a multidão que se excrucia e chora
Nos mais remotos ângulos da vida...
O que dizer, Senhor, à mágoa indefinida
Das mães que perdem filhos bem-amados
Que apenas começavam a viver?!...
Filhos de primavera e juventude,
Que recolhem nos braços desolados,
Quais lírios em botão,
Que a morte decepou, antes da floração?
Que dizer aos que fogem
Para os domínios da aventura
E caem, sem pensar, nas tramas da loucura,
Superlotando sanatórios
Que lhes apaguem a alucinação?
Que ensinar aos irmãos acidentados,
Que despertam, depois da anestesia,
Para saber que foram mutilados,
Com mais problemas para cada dia?
De que modo afastar o desconforto

Da mulher que carrega um filho nascituro,
Ante o marido morto,
Imaginando as dores do futuro?
O que dizer, Jesus, aos que vagam na estrada,
Muitas vezes com febre, frio e fome,
Sem apoio e sem lar na caminhada
De aflição que os consome?
Como extirpar a desesperação
Daquela que organiza a própria despedida,
No intuito de fugir ao fel da própria obrigação
E fazer-se suicida?
Como extinguir na Terra a violência e a penúria
Dos conflitos do ódio sempre em fúria,
A fim de apedrejar e destruir
Tudo o que mostre o bem, nas asas do porvir?

*Confesso que chorei, mas mergulhada em pranto,
Escutei, de repente,
Um celeste mentor que, em silêncio, me ouvia,
A me dizer, fraternalmente:
– Irmã, a dor no mundo é o preço da alegria,
Sofrimento é recurso amargo e santo
Preparando, na Terra, os dias que virão...
Bendita seja a luz da provação!
Se desejas servir ao Cristo que nos chama,
Nada reclames... Segue, serve e ama!*

*Nisso, ouvi alguém gemendo, em voz dorida e
Larguei-me da emoção, mansa...
Indagando a mim própria quem seria...
Atravessei, à pressa, alguns trechos de chão
E encontrei, dentro da noite fria,
Paupérrima choupana...*

*Lá dentro, um quadro de ternura humana:
Pobre mulher, em pranto, procurava
Podar a dor de frágil pequenina,
Que doença fatal, aos poucos, destruíra,
Por falta de agasalho...
Coloquei-me em trabalho,
E envolvendo-a de todo,
Fiz-me calor e paz, apoio e segurança...
E, em oração, no estreito bosque escuro,
Compreendi que amparar a uma criança
É também cooperar nas bases do futuro.*

Esse alguém

*E suportas, sem pausa, alma querida,
Doença, inquietação, infortúnio, tristeza,
No imenso desencanto da alma presa
No grande espinheiral de ansiedade e de dor...
Ninguém entende as lágrimas que choras,
Pois em tudo de bom que o mundo te oferece,
Retiras tão-somente o socorro da prece,
Por doação de paz, no Céu, em teu favor.*

*Na vastidão da noite, entregue ao pensamento,
O silêncio é uma farpa em que te cortas...
Ajuntas esperanças semi-mortas,
Sem que a memória as possa carregar...
Onde os teus sonhos? Onde os teus projetos?
Todos se foram sob a ventania
Da provação que ruge e rodopia,
Extinguindo o prazer e deixando o pesar.*